

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

M P L A

boletim
da
orientação... política

O TRIBALISMO: O MAIOR INIMIGO INTERNO DO POVO ANGOLANO

caderno nº 5

Editado pelo DOP
Junho 1973

1. CLÃS, FRATRIAS E TRIBOS

A primeira etapa da vida da Humanidade é o comunismo primitivo, ou comunidade primitiva, caracterizada por um grande atraso dos instrumentos de trabalho, por um baixíssimo nível de produção e por ausência de classes sociais.

A partir duma certa altura, a sociedade primitiva organizou-se em clãs, fraternias e tribos. Importa, pois, definir cada um destes conceitos.

Clã é um conjunto de homens, mulheres e crianças aparentados por linha materna (por parte da mãe) e que não podem casar-se entre si.

Para contrair casamento um jovem ou uma jovem deverá procurar cônjuge num outro clã.

Os filhos pertencem sempre ao clã da mãe. Se a sucessão se fizer por via hereditária, o poder transita para o sobrinho, filho da irmã mais velha e não para o filho do defunto.

Assim, embora existisse a família como o conjunto de marido, esposa e filhos, ela era muito pouco coesa, cada cônjuge sentindo-se sobretudo ligado ao seu clã e os filhos ao clã da mãe. O divórcio era facilitado. O clã permanecia, pois, a verdadeira célula da sociedade.

A um conjunto de clãs irmãos dá-se o nome de fratria. Quase sempre a fratria resulta de cisões sucessivas dum mesmo clã original. Normalmente os casamentos fazem-se dentro da fratria.

A fratria tem um chefe único e mantém-se unida por interesses materiais comuns (defesa dum território, etc.) e por laços religiosos e morais.

A reunião orgânica de várias fraternias chama-se tribo.

A tribo também é dirigida por um chefe único, dispõe dum território próprio, duma língua comum, e está unida por laços espirituais (religiosos, culturais).

Numa fase mais avançada, várias tribos podem unir-se numa confederação de tribos.

A confederação também dispõe duma língua única, embora com variações dialectais, tem um chefe geral normalmente assistido por um conselho de chefes tribais.

Nesta fase da vida da Humanidade, na comunidade primitiva, não existia exploração, o poder dos chefes sobre a população era muito reduzido, e por consequência, os homens eram bastante livres. Da mesma maneira era fraco o poder do chefe de tribo sobre o chefe de fratria e deste sobre o chefe de clã. Isto significa que os laços que uniam as fratrias, as tribos e as confederações eram ténues (fracos), em oposição aos laços que uniam os indivíduos do mesmo clã, que, esses, eram fortes. Portanto o clã era a grande realidade social.

Engels diz:

"Eis o que eram os homens e a sociedade humana, antes que se efectuasse a divisão das diferentes classes. E se nos compararmos a sua situação à da imensa maioria dos civilizados dos nossos dias, a distância é enorme entre o proletário e o pequeno camponês de hoje e o antigo homem livre do clã.

É um lado das coisas. Mas não esqueçamos que esta organização estava votada à ruína. Ela não foi além da tribo; a confederação de tribos marca já o começo da sua decadência ..."

"O que estava fora da tribo estava fora do direito. Ali onde não existia expressamente um tratado de paz, a guerra reinava de tribo para tribo, e a guerra era conduzida com a crueldade que distingue os homens dos outros animais e que foi temperada somente mais tarde pelo interesse."

"A tribo era para o homem o limite, tanto face ao estrangeiro como para consigo mesmo: a tribo, o clã, e as suas instituições eram sagradas e intangíveis, constituindo um poder superior dado pela natureza, ao qual o indivíduo permanecia totalmente submetido, nos seus sentimentos, pensamentos e actos".

As guerras entre as tribos eram, pois, frequentes. Os vencidos eram mortos. Mas a sociedade evoluiu, as forças produtivas progrediram, quer dizer, surgiram instrumentos de ferro e portanto a produção aumentou. Começa a haver excedente de produção, ou seja, aquilo que uma pessoa produz é suficiente para si e ainda há sobras (excedentes). A partir desta altura já se torna útil ter escravos. Escravo é o in-

paço económico único dentro das fronteiras do país.

O que o capitalista pretende é ter trabalhadores, seja de que tribo forem. O capitalista explora a todos igualmente, põe todas as tribos em pé de igualdade; nas fábricas, minas e roças labutam trabalhadores de todas as tribos; nas cidades há gentes de todas as tribos; os automóveis e comboios ligam as várias regiões, transportando mercadorias e pessoas. As economias das várias regiões tornam-se complementares, estabelecem-se laços entre as várias regiões e populações, criam-se interesses comuns e uma mentalidade comum.

O capitalismo forma, pois, a Nação.

Tanto em África, como na Europa ou na Ásia, a nação é um produto do capitalismo.

Mas a nação em África é muito jovem e frágil, é uma nação em formação. Ao lado da nação coexistem os clãs, as fraternidades e as tribos.

De tudo o que se acaba de dizer conclui-se que os clãs e as tribos são fenómenos antigos, ultrapassados; a nação é um fenómeno novo, moderno. Aquelle que defende a tribo é tribalista, aquelle que defende a nação é nacionalista. Na África dos nossos dias, ser tribalista é ser reaccionário, ser nacionalista é ser progressista. Todo o indivíduo honesto deve favorecer e incentivar o sentimento nacional e atacar o sentimento tribal.

Os colonialistas tomaram duas atitudes diferentes. Por um lado, abalaram as estruturas tribais ao destruírem os reinos e ao restringirem o poder dos chefes, com medo da concorrência que estes lhes poderiam fazer; sobretudo os grandes chefes foram os mais visados, o que teve como consequência favorecer o poder relativo dos chefes de clã. E se tivermos em conta que os laços clânicos sempre foram mais fortes que os laços tribais, poderemos bem medir quanto o clã ficou reforçado em relação à tribo e ainda mais em relação à confederação de tribos.

A introdução de relações capitalistas, gerando a nação, minou pela base as estruturas tribais.

Mas, por outro lado, como o lema dos colonisistas é "dividir para reinar", eles fizeram e fazem tudo por acicatar os ódios tribais, por dividir o povo angolano e os outros povos de África.

Outro elemento actual que aviva o tribalismo é a desigualdade de níveis de desenvolvimento entre as diferentes regiões dum

mesmo país. Uma das características do capitalismo é que o seu desenvolvimento não se processa de forma harmoniosa e planificada, donde resultam sérias distorções entre os diferentes sectores da economia e entre as diferentes regiões. Ora, a desproporção no desenvolvimento das regiões fomenta o tribalismo.

Também não há dúvida que as rivalidades e guerras antigas são ainda hoje um acicate ao tribalismo.

Na África dos nossos dias, todos os colonialistas e imperialistas jogam no tribalismo e todos os fantoches são tribalistas.

As nações africanas são nações fracas, são nações em formação. Mas apesar disso, os laços nacionais eram já há algumas décadas suficientemente fortes para permitir a formação de movimentos de libertação nacional que desembocaram ou em estados independentes ou em guerras de libertação nacional.

Os movimentos de libertação nacional e as guerras de libertação nacional, por seu turno, são poderosas escolas de nacionalismo, e são mesmo, actualmente, o mais poderoso factor de fortalecimento das nações nos países ainda colonizados.

2. TRIBALISMO E NACIONALISMO

Na África dos nossos dias coexistem dois grandes modos de produção: o modo de produção capitalista, moderno, e o modo de produção tradicional, (economia de subsistência), enquadrado pelas estruturas tribais.

Destas duas grandes esferas, a maior é a tradicional, mas a mais decisiva é a capitalista.

Isto significa que é muito maior o número de pessoas vivendo no campo, no seio das estruturas tribais, do que o número de pessoas abrangidas pelas estruturas capitalistas. Só cerca de 14% da população angolana é urbanizada e somente 18% da população activa é constituída por trabalhadores, incluindo nesse grupo os trabalhadores das roças (trabalhadores rurais).

No entanto, a esfera tradicional tende a estagnar, a morrer, enquanto que a esfera capitalista é dinâmica, tende a avolumar-se, a destruir a esfera tradicional. Por isso é que, destas duas, a esfera capitalista é a decisiva, é a que indica a linha de força principal.

O facto da esfera tradicional ser ainda a mais volumosa explica a importância e a persistência dos sentimentos e do modo de pensar obsoletos, antigos, como o tribalismo e o fetichismo.

Mas também o facto da esfera capitalista ser a mais dinâmica explica como apesar de tudo o nacionalismo se transformou no factor determinante da Angola dos nossos dias.

Porém, a nação não é um todo homogéneo. A nação é uma unidade dialéctica de várias classes e camadas sociais, trabalhadores, camponeses, intelectuais e burgueses.

Há contradições entre as classes que constituem a nação, mas nesta etapa histórica a contradição principal é a que opõe o povo angolano ao colonialismo português e seus aliados imperialistas. Esta contradição entre a nação e o imperialismo é no fundo uma forma particular das contradições de classes, diferenciando-se, no entanto, na medida em que a burguesia monopolista é estrangeira.

Este sumatório de contradições faz com que seja extremamente difícil dirigir um país africano: contradição entre a nação e o país explorador, contradições de classes dentro da nação, contradições entre as diferentes tribos, contradição entre

o novo modo de produção e o modo de produção antigo, e milhares doutras contradições interligadas a estas.

Para além disso, a situação em África complica-se pelo facto de que, embora sendo as contradições de classe as mais importantes e determinantes, elas são mascaradas e muitas vezes relegadas para plano secundário pelas contradições tribais. Isto é possível em virtude do grande volume da esfera tradicional e porque a classe operária africana - por razões várias - ainda não surgiu na cena política como uma classe autónoma, como uma "classe para si", defendendo organizada-mente os seus interesses. Os intelectuais, embora sendo basicamente nacionais, são numericamente muito poucos.

Esta situação mal decantada permite ao burguês africano, já destribalizado, fazer frente comum com os trabalhadores e camponeses da sua tribo, contra uma outra coligação tribal. Em vez de surgirem os burgueses (oriundos de todas as tribos), como uma classe, diante de toda a classe operária unida, constituem-se blocos tribais em que todas as classes da mesma tribo estão amalgamadas. É evidente que estes blocos tribais só podem fazer a política dos burgueses que os dirigem, e nunca a dos operários ou a dos camponeses.

Vê-se, pois, claramente, que há que distinguir entre o sentimento tribal, característico do indivíduo que sempre viveu mergulhado nas estruturas tradicionais, e o tribalismo, que é a manipulação oportunista desse sentimento das massas por manobradores políticos geralmente já destribalizados.

Estes manobradores, armados em grandes "mwatas", criam em torno de si esferas de influência, clientelas tribais, para que se possam manter indefinidamente no poder. Eis porque é vulgar ver nos países africanos o açambarcamento dum ministério ou duma administração pública por uma tribo determinada, a tribo do "mwata" desse organismo.

O imperialismo fomenta o aparecimento desses manobradores burgueses oportunistas, activa-lhes os apetites, corrompe-os, dirige-os. Portanto, esses tribalistas nem sequer representam interesses burgueses nacionais, mas unicamente os interesses do imperialismo. E é para servir o imperialismo que dividem o povo, enfraquecem a nação, combatem os nacionalistas: são verdadeiros traidores.

Mas, apesar de todas as divisões tribais, os países africanos mantêm-se, as nações não se esborçam. Isto significa que as forças de coesão, as forças unitárias, são mais fortes; e elas tendem a crescer, elas representam o futuro.

3. COMPORTAMENTO DO LÍDER TRIBAL

Em África, os manobreadores tribalistas, ou são grandes chefes tribais, ou são burgueses, ou ainda pequeno-burgueses.

Em Angola, onde os grandes chefes tribais foram bastante enfraquecidos, pelo colonialismo, e onde o número de burgueses é muito pequeno, os manobreadores tribalistas provêm quase sempre da pequena burguesia.

Esses pequeno-burgueses tribalistas máscararam a sua posição de classe arvorando-se em defensores do "seu povo", quer dizer, da sua tribo!

Os movimentos de libertação nacional são bastante vulneráveis por três razões principais: primeiro, porque não têm uma ideologia bem definida, todas as tendências (desde que não colaboracionistas com o inimigo) são permitidas; segundo, porque não há selecção, todos os que se dizem nacionalistas podem ser membros, a vigilância revolucionária é quase inexistente; terceiro, porque a participação da classe operária é bastante fraca (por vezes quase nula) e portanto o movimento compõe-se essencialmente de camponeses, intelectuais e pequeno-burgueses em geral.

Esta vulnerabilidade estrutural (fraqueza profunda) dos movimentos de libertação torna-os presa fácil dos tribalistas. Eles pensam poder conquistar facilmente posições de chefia, na qualidade de "representantes" da sua tribo. Para eles, ser chefe não requer qualidades morais, políticas e intelectuais; eles pensam que o chefe não precisa de estudar, de trabalhar, de se sacrificar, enfim, de provar que merece ser chefe. Eles pensam que podem ser chefes pelo simples facto de serem "representantes" duma tribo. Pensam que tudo lhes é permitido, que podem esbanjar o dinheiro da Organização, podem alimentar vícios (como o alcoolismo), podem ser preguiçosos e desleixados.

No fundo, põe-se um grande problema teórico que já foi resolvido no século XVIII na Europa: o poder deriva da conjugação de forças sobrenaturais, ou o poder reside na nação? Os reis pensavam que eram governantes pela vontade de deus, e que portanto poderiam fazer tudo o que quisessem, poderiam usar discricionariamente do seu poder; os revolucionários daquela época achavam que o poder residia na nação, a única

habilitada a escolher os governantes, e a quem estes deveriam prestar contas. Isto é o princípio da democracia.

Esses manobreadores tribalistas não são democratas. Para eles o poder deriva de factores inatos, deriva do facto de terem nascido numa determinada tribo, de terem uma determinada cor da pele, ou de serem descendentes dum determinado soba. Surge assim o líder carismático, o líder pela graça divina, o líder "natural", o "líder que será sempre líder" por mais erros que cometa!

Porque pensa que tudo lhe é permitido, o líder carismático cai, primeiro, no nepotismo (rodeando-se dos seus amigos tribais), depois na arbitrariedade (faz o que lhe vem à cabeça) e finalmente no despotismo (poder absoluto, tirânico, cruel).

Tal líder carismático, uma vez no "poleiro", no poder, não aceita descer; fará tudo por se manter no poder, usará todas as armas, mesmo as mais vis, as mais sujas, as mais traiçoeiras; desencadeará largas campanhas tribais, sob o pretexto de que é vítima de perseguições tribais e de que toda a sua tribo está a ser discriminada; organizará levantamentos tribais e finalmente recorrerá a "complots" para a liquidação física dos outros dirigentes honestos. Este é o caminho da contra-revolução, é o caminho da traição, é o caminho da sujeição ao colonialismo e ao imperialismo.

Os métodos de trabalho do líder tribal são a consequência normal da sua falta de princípios revolucionários: é o "método do sobado". Trabalha como se fosse um soba, não consulta ninguém, acumula todo o trabalho em vez de distribuir as tarefas, acabando por embrulhar os problemas, por resolver tudo sem análise prévia, atabalhoadamente. Sob o pretexto de que é um "prático", esquia-se à tarefa paciente de organizar ficheiros, arquivos e elaborar documentos escritos; o resultado é que as coisas não ficam bem assentes, tudo fica no vago, é a "civilização oral". Mas com isso, esses oportunistas pretendem atingir um objectivo: tornar-se insubstituíveis. Como os arquivos da Organização não são os papéis escritos, mas as suas cabeças, nada mais se pode fazer sem se recorrer a eles.

Geralmente esses manobreadores políticos são indivíduos recalcados, produtos típicos da sociedade colonial. Consideram

a política como o único meio de se realizarem, como a grande abertura para darem largas aos seus apetites. E fazem qualquer política, porque a satisfação dos seus prazeres passa pela conquista do poder individual. Muitos deles pensam que não se podem realizar profissionalmente, ou através das ciências, das letras e das artes. Porque embora o homem seja um animal político, pode realizar-se noutros domínios do saber. Mas o oportunista que concebe a política não como uma ciência, mas como um jogo de aldrabices, e de intrigas tribais, pensa poder realizar-se facilmente através do mando político.

Mas, em boa verdade, os manobreadores tribais não passam de aprendizes de feiticéiros. Eles esquecem-se de que o tribalismo se prolonga até ao infinito! Eles semeiam ventos mas colhem tempestades!

Porque na realidade as chamadas tribos de Angola são "confederações de tribos", com laços ténues ligando as tribos. Se o manobreador quer pôr a "sua" confederação contra a nação, ao fim de algum tempo aparecerão outros manobreadores que porão as próprias tribos da confederação umas contra as outras; depois aparecerá a terceira geração de manobreadores que colocará as fratrias duma mesma tribo umas contra as outras; a quarta geração de manobreadores colocará os clãs uns contra os outros; finalmente dentro dos clãs aparecerão os manobreadores que semearão a confusão entre os indivíduos. É a atomização completa, a desintegração total da sociedade. Isto só serve ao inimigo. Isto é traição.

Por conseguinte, mesmo que os manobreadores vençam provisoriamente, eles serão a breve trecho liquidados por outros manobreadores. Este é o destino sujo dos tribalistas.

4. COMPORTAMENTO TRIBAL DOS MILITANTES E DAS MASSAS EM GERAL

Em princípio, as classes mais tribalizadas são as classes rurais, os camponeses e os chefes tribais, pelo simples facto de que sempre viveram nesse contexto clânico-tribal.

As classes que surgiram com o capitalismo, os trabalhadores, os burgueses e pequeno-burgueses, incluindo a camada dos intelectuais, são logo na sua origem classes nacionais.

Entretanto há um certo sector da pequena burguesia, que nós poderemos chamar pequena burguesia rural (pequenos comerciantes e roceiros, professores, agentes sanitários e religiosos das aldeias), que está bastante ligada às estruturas regionais, e portanto está permanentemente submetida a um bombardeamento de ideias tribais. Como esses elementos são os letrados das aldeias, podem com relativa facilidade deixar-se arrastar pela vertigem da ambição e tentar transformar-se em chefes do "seu povo".

Os trabalhadores, embora sendo em princípio a classe mais revolucionária, também são tentados pelo tribalismo, pelas razões que nós já estudamos nas duas brochuras anteriores consagradas à classe operária angolana. Dentre os trabalhadores os mais tribalizados são os mineiros, por serem essencialmente rotativos e porque o meio das minas, em Angola, é ainda semi-rural.

A burguesia e a pequena-burguesia urbanas também se deixam penetrar, em maior ou menor grau, pelo tribalismo.

O grupo social que mais cedo apreendeu o facto nacional foi sem dúvida a camada dos intelectuais. No entanto, muitos dos seus componentes, ainda não se livraram totalmente dos preconceitos tribais e raciais; outros entregam-se ao tribalismo e ao racismo por puro oportunismo político.

Em resumo, todas as regiões, todos os sectores, todos os grupos sociais de Angola (e de África em geral) estão afectados pelo tribalismo ou pelo sentimento tribal em proporções maiores ou menores. Só uma vanguarda (vanguarda pela sua formação ideológica) está realmente isenta de preconceitos tribais e raciais.

Este ambiente geral é favorável ao despertar dos oportunistas tribais, ao aparecimento de líderes tribais, movidos por ambições desmedidas.

Quando a situação é de crise, todos os ódios tribais e raciais se levantam num pandemônio indescritível. Em todas as tribos, fraternias, clãs e confederações, surgem agitadores tribais que põem uns contra os outros todos os grupos, propondo injustificadamente medidas repressivas contra as outras tribos, semeando a anarquia e pregando sublevações. Se, graças à vigilância da Organização se consegue evitar essas situações extremas, então os grupos tribais tendem a fechar-se sobre si mesmos, a isolar-se dos outros, o que aumenta ainda mais a desconfiança mútua. Os agitadores mudam de tática, passam a trabalhar no seio dos seus grupos tribais em círculo fechado, inculcando o ódio contra as outras tribos.

Os militantes acabam por ficar desmoralizados, por ver na separação das tribos a única solução possível do problema: "que cada um fique na sua região", dizem esses militantes desmoralizados. Eles perdem completamente as perspectivas nacionais, perdem a noção de que com divisão nunca se alcançará a vitória sobre o inimigo colonialista.

Este estado de espírito geral dificulta o esforço de compreensão por parte dos mais honestos e paralisa os trabalhos da Organização. O ambiente torna-se de tal forma confuso que cada um fica tentado a desconfiar de todos os que não sejam da sua etnia.

A situação ainda se torna mais milíndrosa quando se trata de promover novos responsáveis. Quais os critérios a seguir? Deverão ser os critérios de justiça, na base portanto da avaliação correcta das capacidades ideológicas, políticas, morais, técnicas e físicas do camarada a promover, relativamente às tarefas a cumprir. Apesar disso levantar-se-ão sempre oportunistas ambiciosos para dizer que não se seguiram critérios científicos mas sim tribais.

Perante tal confusão, a vanguarda e o partido devem saber claramente o que fazer.

5. QUE FAZER?

Vistas as coisas do ponto de vista histórico, em perspectiva, é relativamente fácil combater o tribalismo, o racismo, o fetichismo e outras aberrações da sociedade. Porque são fenómenos obsoletos, condenados a desaparecer. A nação, como se viu, tende a substituir-se integralmente à tribo.

No pós-independência, o evento duma sociedade justa, liquidará a exploração do homem pelo homem; o crescimento equilibrado e harmonioso da sociedade fará desaparecer as disparidades actuais no grau de desenvolvimento das diferentes regiões; o progresso impetuoso das forças produtivas interligará ainda mais as diferentes regiões, estabelecendo elos indissolúveis entre elas; estarão assim lançadas as bases para um grande surto cultural e científico de características nacionais e revolucionárias.

Por conseguinte, uma sociedade justa não destrói a nação. Pelo contrário, ela consolida-se e evolui tomando um novo conteúdo, cada vez mais popular, cada vez mais revolucionário.

Para além do nacionalismo há o internacionalismo, a aliança, a cooperação, a ajuda e a solidariedade entre as massas laboriosas de todo o mundo. É para aí que devem tender todos os revolucionários.

Mas, para já, que fazer? Nesta etapa de luta de libertação nacional, que poderão fazer os revolucionários para combater o tribalismo?

Em primeiro lugar há que superar, na medida do possível, os factores que tornam vulneráveis os movimentos de libertação, a saber, a falta de ideologia clara, a não-selecção e a fraca participação da classe operária.

Definir uma linha ideológica, organizar cursos para os quadros, para os militantes e para o povo, difundir as ideias revolucionárias, para que atingindo as massas se transformem numa força material.

Ser vigilante, fazer selecção, criar o sistema de "candidatos ao Movimento" para os novos recrutas, depurar a Organização de todos os oportunistas.

Mobilizar a classe operária por todos os meios ao nosso alcance, (rádio, escritos, contactos pessoais), organizá-la onde quer que esteja, recrutar os seus elementos mais valiosos para

a luta política, armada e clandestina.

Para além disso, e como elemento básico, instituir de forma plena a democracia, a crítica e a auto-crítica, pois elas são o meio mais eficaz, mais rápido e mais poderoso para se combaterem a tempo os erros e vícios da Organização e se manter sempre o élan revolucionário. E a longo prazo, a democracia é mesmo o único meio de se conseguir isso. Mas será uma democracia aliada ao centralismo, será o centralismo democrático.

Tentar ser sempre justo, mesmo que tal não pareça a todos num determinado momento. A justiça acaba por criar a confiança no seio do Movimento, ajuda a forjar a unidade.

Sobretudo não esmorecer no combate. Combate ideológico e político permanente, luta implacável ao tribalismo, ao racismo e aos outros erros e vícios, como o alcoolismo.

Uma forma particular da luta contra o tribalismo consiste no combate à ideia de que o nosso Movimento (e não o capitalismo e o colonialismo) é o culpado pela desigualdade de desenvolvimento das várias regiões de Angola, ou que pelo menos o Movimento tem culpa por não atenuar (diminuir) desde já essas desigualdades. Ora é preciso que se saiba que a liquidação das desproporções regionais é de facto um dos objectivos do MPLA, mas só do após-independência, porque nesta fase de libertação nacional é absolutamente impossível ao MPLA estabelecer o equilíbrio económico-social em Angola. É preciso que todos fiquem bem claros que o nosso objectivo supremo, na fase actual, é a libertação da Pátria, e que tudo deve estar subordinado a este objectivo e a mais nenhum outro.

Politizar as massas de militantes e povo é a melhor maneira de se inculcar o espírito da disciplina consciente, um dos pilares do progresso da luta.

Temos de avançar decididamente com a formação de Grupos de orientação política, nos moldes ditados pelas Bases Gerais e Programação Geral.

Não permitir nunca que se criem condições para a aparição de líderes tribais e denunciar prontamente todas as manifestações nesse sentido.

Paralelamente a todo este trabalho colectivo, o esforço individual tem uma importância enorme. Cada camarada deverá esforçar-se por desempenhar cabalmente as suas tarefas, por

ser digno da confiança que nele deposita a Organização, por ser vigilante, por ajudar os outros a vencer as suas dificuldades, por tratar bem os camaradas, por evoluir, numa palavra, por ser um verdadeiro militante revolucionário. Neste, e em todos os outros domínios, o papel daquilo a que chamamos vanguarda é fundamental: ela deve ser dinâmica e exemplar.

Vistas as coisas dum forma global, as contradições tribais são uma forma particular das contradições no seio do povo. Não são contradições antagónicas, e como tal deverão ser resolvidas pelo método da persuasão, da explicação paciente e do exemplo revolucionário.

Mas há que resolver estas contradições correctamente e a tempo, porque senão transformam-se em antagónicas. No momento em que os tribalistas organizam "complots" para assassinar os dirigentes e outros militantes honestos, a contradição passa a ser antagónica e a sua solução exige o emprego de métodos apropriados.

Imensa é hoje a experiência do MPLA: 18 anos de existência, 12 anos de luta armada! Começamos praticamente do zero, sem experiência de combate, de organização e de direcção; embora interpretássemos fiélmente as aspirações mais profundas do povo angolano, desconhecíamos em grande medida o nosso país, não por culpa nossa, mas pelos condicionalismos impostos pelo invasor.

Hoje já possuímos um conhecimento relativamente aprofundado das nessas realidades e da maneira de solucionar os nossos problemas,

Contra o inimigo colonialista e imperialista continuaremos a lutar até à vitória final.

No seio do povo esforçar-nos-emos até ao extremo limite por resolver da melhor maneira as contradições, para que nunca se tornem antagónicas, utilizando os métodos ditados pela democracia militante.

A VITÓRIA É CERTA!